E – METACOMPREENSÃO DA PESQUISA

Nesse capítulo insiro minha análise do trabalho enquanto pesquisadora. Não abordo aspectos que estão necessariamente relacionados com o tema, mas busco expressar como ocorreu o desenvolvimento do trabalho sob o meu ponto de vista destacando o seu significado em meu amadurecimento como pessoa e pesquisadora.

Quando entrei no curso de licenciatura em matemática tinha por objetivo lecionar para turmas de ensino médio. Havia optado por esse curso mais pela parte da “licenciatura” do que pela parte da “matemática”.

Contudo, no decorrer dos semestres fui descobrindo a matemática como ciência. Com isso, os objetivos foram sendo alterados, encaminhando-se para a ideia de realizar um mestrado em matemática aplicada. Uma disciplina que me chamou a atenção, em especial pelo curso de verão que realizei na Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi a de Álgebra Linear. Pude verificar um pouco de sua aplicação na disciplina de Pesquisa Operacional (POP) do curso de Engenharia de Produção e Sistemas da UDESC.

Chegando ao último semestre, no entanto, apesar de estar inclinada a realizar a monografia no estudo da teoria matemática envolvida na aplicação da disciplina de POP, surgiu um obstáculo: não encontrei um professor que tivesse interesse em orientar tal estudo.

Terminando o período de férias ainda não havia definido um tema e, conseqüentemente, um orientador. Então, no início do semestre letivo, fui conversar com o professor Roger Miarka, que já havia me acompanhado na disciplina de estágio no semestre anterior. Em nossa primeira conversa ele sugeriu que desenvolvêssemos um trabalho de pesquisa na área de etnomatemática, já que essa é uma de suas áreas de interesse como sua própria tese de doutorado intitulada “Etnomatemática: do ôntico ao ontológico” sugere.

Inicialmente não me empolguei muito com a ideia de me aprofundar nesse tema. Havíamos estudado superficialmente a ideia de etnomatemática durante a graduação e não fazia ideia do que realmente poderíamos abordar nessa monografia. Além disso, a proposta de fazermos um trabalho de pesquisa que não fosse voltado para o ensino-aprendizagem, ou uma atividade aplicada gerou certo desconforto, já que era algo completamente novo.

Contudo, após a primeira reunião com o orientador na qual a pesquisa começou a ser delineada, o tema começou a se mostrar interessante e enxerguei a possibilidade de desenvolvermos um trabalho único.

O primeiro passo para o desenvolvimento do trabalho de graduação (TGR) era escrever um projeto. Contudo, devido à demora na escolha de um orientador, o prazo para a entrega do mesmo estava se esgotando. No pouco tempo disponível foram realizadas leituras e pesquisas que pudessem delinear a pesquisa da monografia. Uma das frustrações após a entrega do projeto foi a falta de liberdade para escrevê-lo e organizá-lo. A estrutura do projeto proposta pela instituição segue uma determinada “ordem” que não pode ser alterada, de modo que nos sentimos “amarrados” por essa estrutura.

Partimos para o processo de desenvolvimento da monografia; muitas coisas eram novas. O envolvimento e a orientação do professor Roger foram fundamentais, pois não saberia de que forma prosseguir e quais caminhos percorrer ao longo do desenvolvimento do trabalho.

No início do planejamento do TGR as professoras Graciela e Katiani nos chamaram a atenção para que escolhêssemos orientadores com quem tivéssemos afinidade para facilitar o processo de pesquisa durante o semestre. Contudo, o professor Roger havia sido admitido na UDESC há pouco tempo e com isso não o conhecia muito bem, o que gerou um pouco de insegurança. Porém, características como comprometimento, interesse, responsabilidade, as novas ideias que ele propunha, já tinham sido observadas nesse curto período, o que me proporcionou mais segurança em sua orientação.

Durante o desenvolvimento do trabalho também foi preciso ser desenvolvido um relacionamento entre o orientador e eu de modo a encontrar uma metodologia que se adequasse às características de cada um.

Muitas estratégias novas foram trazidas pelo orientador. Eram sugestões que me empolgavam com o trabalho e me faziam “arriscar” e correr alguns riscos como, por exemplo, a ideia da apresentação do trabalho através da “linha do tempo interativa” ou o fato de destacar minhas falas com uma formatação diferenciada. Por outro lado, essas ideias me tiravam da minha zona de conforto e com isso geravam algumas inseguranças. Contudo, assumir esses desafios foi importante durante o trabalho porque gerou um amadurecimento enquanto estudante, enquanto pessoa e enquanto pesquisadora, à medida que foi preciso quebrar paradigmas, repensar modelos, práticas e formatos pré-concebidos.

Como desde o início do trabalho não foi definido um trajeto específico para a pesquisa, uma vez que a cada etapa analisávamos as possibilidades que mais nos interessavam, não tínhamos um plano rígido com início, meio e fim. Essa estratégia apresentou aspectos positivos e negativos que posso observar melhor agora com o trabalho concluído.

Como um dos aspectos positivos, acredito que é importante destacar que a liberdade de pesquisar o que mais nos interessava foi como um combustível que manteve a motivação com o trabalho durante todo o processo. Essa liberdade na escolha dos caminhos a percorrer fez com que o trabalho fosse **sempre** prazeroso, pois era uma busca por algo que realmente era de interesse nosso. Não houve momentos durante a pesquisa em que estive desanimada ou desinteressada pelo tema. Acredito que isso se deve também ao fato de que havia uma expectativa pelo resultado que seria encontrado, pois não sabíamos quais as conclusões que essa pesquisa traria.

Outro ponto positivo é que as reflexões ocorreram durante todo o processo. Os capítulos foram sendo atualizados conforme novas informações e reflexões surgiam. Assim, o trabalho caracteriza-se por estar em constante evolução, podendo ser atualizado sempre e por incitar reflexões e discussões.

Um aspecto negativo que vejo nesse trabalho de investigação é que, do modo como o trabalho foi concebido, sinto que poderia trabalhar o restante do ano e continuaria encontrando características interessantes que poderiam ser pesquisadas mais a fundo e despertado mais discussões e reflexões. O trabalho poderia abranger muitos outros aspectos da vida de Vergani e da etnomatemática se houvesse mais tempo para a pesquisa. Em alguns momentos do trabalho faço referência a esses pontos que gostaria de me aprofundar, mas que devido à falta de tempo não houve possibilidade.

A realização desse trabalho trouxe muito crescimento enquanto pessoa e também enquanto acadêmica e pesquisadora. Foi muito importante ver que um trabalho bem feito nem sempre precisa seguir todas as normas e regras, mas que é necessário refletir e argumentar sobre as escolhas realizadas ao longo do processo de pesquisa. Além disso, o fato de expor minhas reflexões ao longo do texto criou o hábito de me atentar aos detalhes e despender tempo e dedicação pesquisando aspectos que me intrigavam.

A partir da pesquisa pude abrir um leque de possibilidades para os planos futuros. Nunca tinha me visto como pesquisadora ao longo de todo o curso, mas percebi que gostei da experiência, que cresci em muitos aspectos, que é algo que posso continuar a desenvolver nos estudos de mestrado.

Uma das características que mais me agradam na pesquisa é que sempre há possibilidades de aprofundamento. Além disso, às vezes, na primeira vez que você lê algo, uma informação passa despercebida mas, numa segunda leitura ela chama a atenção e esses aspectos vão sendo agregados à pesquisa. Fico imaginando a riqueza de informações e reflexões diferentes dessa monografia especificamente se ela fosse realizada por outra pessoa.

Assim, vejo que essa pesquisa não tem um ponto final, mas é apenas um pedacinho de uma colcha que ainda precisa de muitos retalhos para estar completa.